

BRÍCIO CARDOSO  
NO CENÁRIO DAS  
HUMANIDADES DO  
ATHENEU SERGIPENSE  
(1870-1874)

*Conselho Editorial Educação Nacional*

- Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP  
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP  
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp  
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR  
Prof. Dr. Lucídio Bianchetti – UFSC  
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp  
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp  
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas  
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp  
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS  
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS  
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp  
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR  
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

*Conselho Editorial Educação Internacional*

- Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Profa. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada  
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho  
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján  
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata  
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Christianne Gally

BRÍCIO CARDOSO  
NO CENÁRIO DAS  
HUMANIDADES DO  
ATHENEU SERGIPENSE  
(1870-1874)

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Gally, Christianne

Bricio Cardoso no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874) / Christianne Gally. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020. -- (*Uma Casa de Educação Literária : 150 anos do Atheneu Sergipense*)

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-09-7

1. Cardoso, Bricio 2. Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1870-1874) – História 3. Educação 4. Educação humanística – Brasil 5. Educação – História I. Título II. Série.

20-38547

CDD-370.98141

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Colégio Estadual Atheneu Sergipense :  
História : Educação 370.98141

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*imagem de capa:* Atheneu Sergipense, acervo do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final:* da autora  
*bibliotecária:* Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

Esta obra contou com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital n. 7/2019, Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP), processo n. 88881.359550/2019-01.

Apoio:

Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Secretaria de Estado da Educação, do Esporte  
e da Cultura do Estado de Sergipe (SEDUC-SE)  
Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS)

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 0**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## *Agradecimentos*

*Foram tantos os caminhos percorridos... Foram tantas as pessoas que o atravessaram, ora levantando-me do chão, ora sentando-se comigo para compartilhar das minhas alegrias e vitórias, ora apontando-me caminhos, ora sugerindo novos olhares. A todas essas pessoas (seria impossível nomeá-las todas aqui), a minha mais profunda gratidão.*



*Porque o único sentido oculto das cousas  
É elas não terem sentido oculto nenhum.  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:  
– As cousas não têm significação: têm existência.  
As cousas são o único sentido oculto das cousas.*

Fernando Pessoa





*Aos meus filhos  
Nilton, Marianne e Antônio,  
fontes de luz, coragem e fé.*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO. ....	13
<i>Samuel Albuquerque</i>	
APRESENTAÇÃO .....	19
INTRODUÇÃO (E no princípio era o Verbo...) .....	21
<b>Capítulo I</b>	
A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO EM SERGIPE (E Deus disse: exista a luz!) .....	31
<i>Dos liceus ao Atheneu Sergipense</i> .....	33
<b>Capítulo II</b>	
A CONSOLIDAÇÃO DO CURSO DE HUMANIDADES NO ATHENEU SERGIPENSE (Produza a terra erva verde, e que dê sementes...) .....	59
<i>As árvores frutificam: os catedráticos disseminam seus frutos...</i> .....	63
<b>Capítulo III</b>	
BRÍCIO CARDOSO: UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XIX (E criou Deus à sua imagem e semelhança).....	103
<i>Brício Cardoso e os Estudos pedagógicos</i> .....	127
<i>O método de ensino</i> .....	139

## **Capítulo IV**

A LEGITIMAÇÃO DO CATEDRÁTICO

BRÍCIO CARDOSO NO ATHENEU SERGIPENSE

(Deus viu todas as coisas que tinha

feito, e eram muito boas...) . . . . . 151

*A defesa da língua nacional: a vernaculidade* . . . . . 169

*A ideia de Deus e o conhecimento científico* . . . . . 177

CONCLUSÃO

(E todas as línguas serão uma só!) . . . . . 193

REFERÊNCIAS . . . . . 197

## PREFÁCIO

Textos envelhecem, certamente. Mas esse não é o caso de um bom texto, como o de Christianne Gally, surgido há quase duas décadas e somente agora publicado, integrando a coleção de obras que celebram os 150 anos do Atheneu Sergipense, uma das maiores glórias culturais do Estado de Sergipe.

Gally, destacada professora e estudiosa da Língua Portuguesa e da História da Educação no Brasil, escreveu, em sua passagem pelo mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em princípios dos anos 2000, a dissertação “Brício Cardoso no cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)”, investigando a atuação de um dos mais célebres professores e intelectuais do nosso Atheneu, nos primórdios dessa “Casa de Educação Literária”.

Diligente, Gally perscrutou farta documentação garimpada nos acervos do próprio Atheneu Sergipense, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Biblioteca Pública Epifânio Dória, entre outros importantes acervos sergipanos. Inquiriu-os, dialogou com eles, fazendo uso das mais apropriadas lentes conceituais e referências bibliográficas. Resultado disso: uma incontornável contribuição aos estudos de História da Educação em Sergipe e importante legado sobre a trajetória do Atheneu Sergipense.

Desdobramento, assim, de sua dissertação de mestrado, este livro estuda “o percurso da implantação do curso de Humanidades no Atheneu Sergipense desde a criação do referido estabelecimento (1870) até a chegada de Brício Cardoso, em 1874, para consolidá-lo com a cadeira de Retórica e Poética”. Portanto, um trabalho acadêmico em História da Educação, localizado na intersecção entre a história das instituições e das disciplinas escolares, bem como a história dos intelectuais da Educação.

Inicialmente, o trabalho nos leva a caminhar pelas trilhas do Ensino Secundário na Província de Sergipe até a criação do Atheneu, em 1870, feito memorável que representa um divisor de águas no processo de “Emancipação Cultural de Sergipe”. Diga-se que, naquele longínquo 24 de outubro de 1870, natalício do Atheneu, os sergipanos celebravam meio século da sua independência em relação à Bahia, determinada por carta régia de D. João VI, rei de Portugal, do Brasil e do Algarve, em 1820, assinada no Paço Real do Rio de Janeiro.

Revelador das lutas políticas e ideológicas travadas na antiga província, na primeira metade da década de 1870, o segundo capítulo nos leva a compreender o contexto que possibilitou a existência e manutenção de um curso de Humanidades no quadro do ensino secundário sergipano, descortinando, assim, o processo de implantação e consolidação do referido curso no Atheneu.

Mas Gally não poderia se esquivar de estudar o principal ator desse processo. Surge, então, fulgurante, no terceiro capítulo, a figura do intelectual Brício Cardoso (1844-1924). A autora nos apresenta o mestre de Retórica e Poética, através de seus manuscritos, seus artigos sobre educação, instrução, e suas aulas, muitas delas reproduzidas na imprensa local. Através desse farto e bem explorado material, Gally revela as práticas pedagógicas do catedrático: “o que ensinava nas aulas de Retórica, o que achava sobre os grandes assuntos da Literatura nacional ou o que ensinava aos seus alunos acerca da divisão da Retórica (invenção, disposição e elocução), ou ainda acerca da eloquência política, sagrada, forense,

acadêmica e dos grandes gêneros históricos ou narrativos, didático e poético”. Todavia, as fontes devassadas com competência, revelaram surpresas. A principal delas:

[...] ficou explícito que Brício Cardoso ensinava gramática da língua vernácula e que não havia nenhuma publicação de assuntos relativos à cadeira para a qual fora ele destinado. Para ele, a gramática precedia os estudos não só de Retórica e Poética, como também de qualquer outra ciência, de qualquer outra disciplina. Era a gramática filosófica a responsável pela formação de qualquer indivíduo, tanto para ingressar nas Academias do Império quanto para transformá-lo em um homem civilizado, fosse ele um agricultor, um mecânico ou um artista.

Importante mencionar que a autora não se propõe a uma aventura biográfica. Ainda assim, produz um interessante perfil de Brício, a partir de testemunhos legados por contemporâneos seus, como os também célebres João Ribeiro, Rocha Lima e Hunald Santaflor Cardoso, seu filho, e Armindo Guaraná. Assim, foi possível produzir uma representação do educador e jornalista, considerando aspectos essenciais de sua formação e da ideia de civilidade que difundia, bem como da “rede de sociabilidades” em que esteve integrado, recuperada, sobremaneira, através da imprensa da época. Gally conclui que

tendo os jornais como instrumento de divulgação a sua revelia e tendo a gramática – arte-ciência da língua portuguesa, reconhecida por ser uma das disciplinas mais importantes na construção do homem culto –, como objeto de trabalho, Brício Cardoso traçou um percurso pelo qual chegaria ao Atheneu como catedrático, ou seja, como um dos intelectuais mais respaldados pela sociedade da época. Ele construiu as Apostilas de gramática: (aos meus discípulos) e as publicou, metodicamente, nos jornais, discutindo desde as teorias da

origem da linguagem até fatos eminentemente ligados à teoria gramatical (...).

A ascensão de Brício à catedrático do Atheneu, em 1874, “deveu-se a um entrelaçamento de situações que o favoreceram: parentesco que possuía com pessoas relacionadas à política, convivência com o meio religioso e educacional no qual nascera e fora criado e a competência do professor/pedagogo construída, estrategicamente, através das leituras, dos textos produzidos e das aulas dadas”. Nesse sentido, “sua produção intelectual circunscrita não apenas a publicações científicas, como os artigos sobre política, educação, ensino de gramática, mas também a peças literárias, discursos, orações, foi intensa”, concluiu Gally.

O derradeiro capítulo do trabalho, volta-se com fôlego e atenção para o *Tratado da Língua Vernácula* (1932), obra póstuma de Brício, “com o intuito de entrever os pressupostos teóricos de um intelectual que vivera na segunda metade do século XIX, defendendo ardorosamente sua crença na espiritualidade”. A defesa da língua nacional e a relação entre a ideia de Deus e conhecimento científico conduzem a análise. Era Brício, antes de qualquer coisa, “um homem de fé”, ressaltou a estudiosa da obra.

No ano em que Sergipe celebra o bicentenário de sua Emancipação Política e que o Atheneu Sergipense comemora o seu sesquicentenário, a publicação do trabalho de Christianne Gally é, sem dúvida, um grande feito. Como já assinalara, a criação do Atheneu foi elemento dos mais importantes na consolidação do nosso processo de emancipação política e cultural, um dos fatos mais marcantes na construção da sergipanidade. Brício Cardoso, por sua vez, esteve diretamente envolvido nesse processo e se destaca entre “os doutores que ficaram” na província (uma referência aos cultuados intelectuais que emigraram de Sergipe, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, João Ribeiro, Manoel Bonfim, entre outros), mantendo vigorosa a luta pela construção da nossa identidade cultural.



Ter tido a oportunidade de prefaciá-la esta obra foi, também, a oportunidade de voltar ao texto que, para mim, ressignificou um velho retrato de Florival Santos, que durante minha presidência no Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (2010-2018), desloquei e mantive no gabinete na presidência, dominando plenamente aquele pequeno espaço da “Casa de Sergipe”, como é conhecido o nosso Instituto. Imponente, retratado em óleo sobre tela de grandes dimensões, Brício surge sentado em faustosa poltrona de madeira, vestido com elegância e sobriedade, tendo ao fundo uma rica biblioteca e ostentando uma robusta pança e luminosa careca. Durante aquele período de convívio, os amigos próximos chegavam a dizer que, com o passar dos anos na presidência, ficava cada dia mais parecido com meu companheiro de gabinete. Em outras palavras, cada dia mais robusto e calvo. Mas as brincadeiras não incomodavam. Era agradável conviver com o catedrático sisudo do Atheneu e antigo sócio do Instituto. Se, além da robustez e calvície, adquirisse sua genialidade e fé, estaria em grande lucro. Esse era o meu consolo!

Assim como Florival Santos, Christianne Gally construiu um primoroso retrato de Brício, tendo como cenário a história do ensino de Humanidades em Sergipe oitocentista. O trabalho é rigoroso e, ao mesmo tempo, belo, atualíssimo e oportuno.

Vida longa ao legado de Brício Cardoso e brindes ao sesquicentenário no nosso Atheneu Sergipense.

*Samuel Albuquerque*  
Cidade do Aracaju,  
Março de 2020



## APRESENTAÇÃO

Esta obra é fruto da dissertação de Mestrado, defendida em 2004, sob a orientação do prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se da descrição do percurso da organização do ensino secundário em Sergipe, da implantação do curso de Humanidades no Atheneu Sergipense desde a criação do referido estabelecimento (1870) até a chegada do professor Brício Cardoso, em 1874. A entrada desse professor foi fundamental para o Atheneu, pois ele, dentre outras ações, assumiu a cadeira de Retórica e Poética, o que contribuiu para a consolidação definitiva desse estabelecimento. Nesta obra, porém, algumas informações foram acrescentadas e/ou omitidas em relação ao texto acadêmico citado.

Espero que o leitor não somente entreveja os embates havidos durante a construção de um ideário civilizatório aclamado pela política educacional do final do século XIX como também conheça os meandros da legitimidade intelectual com base em redes de sociabilidade, ao mesmo tempo que acompanha as aflições vividas por um educador do final do século XIX no tocante à adoção de teorias científicas, quando se acreditava que tudo provinha de Deus.



## Introdução

(E NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...)

O projeto inicial deste trabalho referia-se aos problemas enfrentados pelo ensino da Língua Portuguesa entre 1940 e 1960. O objetivo era contrastar as funções do ensino secundário, propostas pela Reforma de Gustavo Capanema e, posteriormente, da Lei de Diretrizes e Bases. Estudando a primeira reforma, observei a importância dada à formação de um homem culto capaz de gerir o Estado e servir à pátria. Era necessário, portanto, definir e conceituar esse “padrão” estabelecido pelo ensino secundário.

Ao rastrear os estudos acerca desse tipo de formação, foi o curso de Humanidades tido como principal responsável na preparação dos jovens que almejavam o status de “culto” – ideal de educação voltado para a formação integral do homem, caracterizado pela consolidação e transmissão de uma cultura geral, segundo Souza (1999). Em Sergipe, este curso foi o primeiro a ser implantado no Atheneu Sergipense, estabelecimento oficial do ensino secundário,<sup>1</sup> criado em 1870.

Literalmente, a expressão “ensino secundário” designa um grau ou nível do processo educativo e, dessa forma, teria o mesmo

---

1. Ainda sobre esse assunto, ver Chervel (1992), Durkheim (1938 [1995]) e Nunes (1962 [1999]).

significado de ensino médio, de segundo grau ou pós-primário. Educação secundária significaria a fase do processo educativo que corresponde à adolescência, ou que se superpõe à educação primária ou elementar (Silva, 1969, p. 19).

Do ponto de vista pedagógico, pode-se caracterizar o ensino secundário por

sua finalidade de formação educativa das minorias sociais, das elites, das 'individualidades condutoras'(...). Seu objetivo era proporcionar uma 'cultura geral' que se vinculava exclusivamente, até certa época, ao currículo de humanidades clássicas e, depois, como resposta a novas exigências da evolução social e cultural, passou-se a considerar que deveria incorporar as 'humanidades modernas' e as ciências. Seu caráter era inteiramente desinteressado e intelectualista e servia de base para quaisquer espécies de estudos profissionais de nível superior, mas não envolvia explicitamente nenhum sentido profissional imediato e específico. De fato, o ensino secundário era um ensino de classe, um ensino devotado a valores e ideais aristocráticos ou aristocratizantes, um ensino acentuadamente de inutilidades ornamentais. (Silva 1969, p. 20)

E por que não estudar, então, a sua implantação no Atheneu e verificar qual a sua importância na formação do homem culto sergipano do século XIX? Surgiu, assim, a necessidade em se reconfigurar o objeto: eu analisaria a trajetória da disciplina Retórica e Poética no Atheneu Sergipense, uma vez que era muito importante para formação desse homem, como será visto posteriormente. Para fazer esta pesquisa, foi necessário levantar fontes e cavoucar, literalmente, os arquivos do Atheneu Sergipense, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e da Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED).

Com a criação do Atheneu Sergipense, em 1870, a disciplina Retórica e Poética foi a única a não conseguir aluno para fazer

matrícula, ficando, assim, o curso de Humanidades incompleto quanto ao seu número de aulas. Em 1873, porém, os jornais começaram a denunciar a ausência de um curso completo de Humanidades, pois os exames preparatórios exigiam a disciplina Retórica e Poética e, em Sergipe, ainda não havia nem a cadeira, nem um professor que pudesse ministrá-la. Em 1874, depois de alguns relatórios apresentados pelo Diretor da Instrução Pública, chegou, para assumir a cadeira de Retórica o professor Brício Cardoso, intelectual já reconhecido e respaldado pela elite sergipana.

Assim, o marco temporal ficou definido: a dissertação contemplaria o percurso da implantação do curso de Humanidades no Atheneu Sergipense desde a criação do referido estabelecimento (1870) até a chegada de Brício Cardoso, em 1874, para consolidá-lo com a cadeira de Retórica e Poética.

Mas, por que o Atheneu era visto como um estabelecimento tão importante na segunda metade do século XIX? O que havia antes do Atheneu? Ele foi a primeira tentativa de organização do ensino secundário, responsável pelo curso de Humanidades? Para responder a essas questões, foi necessário saber o que tinha sido esse ensino, em Sergipe, de que maneira ele fora organizado e centralizado na província e qual o lugar do Atheneu Sergipense nesse processo. Daí a função do primeiro capítulo.

Forçoso também foi verificar não só a implantação desse curso no Atheneu, como também as lutas políticas e ideológicas travadas nesse período, para que a existência de um curso de Humanidades pudesse ser mantida no quadro do ensino secundário sergipano. Descrever, portanto, esse processo que vai da implantação do referido curso até a sua consolidação constitui o segundo capítulo.

Mas, conhecer o intelectual responsável pela solidificação desse curso ainda se fez mais importante. Brício Cardoso foi convidado para expor seus manuscritos, seus artigos sobre educação, instrução, e, principalmente, para que explanasse suas aulas – que foram muitas delas reproduzidas nos jornais – sobre

Retórica e, assim, deixasse entrever suas práticas: o que ensinava nas aulas de Retórica, o que achava sobre os grandes assuntos da Literatura nacional ou o que ensinava aos seus alunos acerca da divisão da Retórica (invenção, disposição e elocução), ou ainda acerca da eloquência política, sagrada, forense, acadêmica e dos grandes gêneros históricos ou narrativos, didático e poético.

Mas, durante o levantamento de fontes, principalmente dos artigos publicados em jornais daquele período, ficou explícito que Brício Cardoso ensinava gramática da língua vernácula e que não havia nenhuma publicação de assuntos relativos à cadeira para a qual fora ele destinado. Para ele, a gramática precedia os estudos não só de Retórica e Poética, como também de qualquer outra ciência, de qualquer outra disciplina. Era a gramática filosófica a responsável pela formação de qualquer indivíduo, tanto para ingressar nas Academias do Império quanto para transformá-lo em um homem civilizado, fosse ele um agricultor, um mecânico ou um artista. A preocupação central era sempre a mesma: civilizar o homem.

O conceito de civilização sempre foi bastante discutido na esfera intelectual. Relacionada, às vezes, ao nível de tecnologia, às maneiras e aos costumes de cada sociedade, a ideia de “civilização/*Kultur*”, conforme Elias (1939[1994]), expressa uma consciência nacional (para os franceses e ingleses), ou, ainda, uma autoimagem do estrato intelectual da classe média (para os alemães). Foi a partir da consciência de superioridade ou da consciência de civilização do seu próprio comportamento e sua corporificação na ciência, nas artes e na tecnologia que a França, constituiu, por exemplo, para o ocidente, um padrão do que seria civilização numa sociedade.

Mas, “civilização” pode também significar subjugação dos instintos humanos, como em Freud (1930[1974]). A renúncia e a restrição constituem pré-requisitos do progresso, uma vez que a livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada. Por estarem o princípio do prazer e o princípio da realidade em luta constante, o homem



estaria em constante desconforto diante do progresso em prol da civilização. Contudo, diferentemente do que acredita Marcuse (1955[1978]), esse processo é inevitável e irreversível.

Elias (1939[1994]) vê a civilização sob o prisma da historicidade, ou seja, preocupa-se com as causas e forças motivadoras pelas quais o processo civilizador ocorreu no Ocidente e em que consistiu esse processo. Para ele, a civilização é percebida principalmente, através do comportamento humano face ao convívio social. O padrão do “bom” comportamento, na Idade Média, por exemplo, é representado pela classe secular e se resumia à autoconsciência aristocrática. Na verdade, essas indicações ou esses códigos de boas ou más maneiras tinham como objetivo diferenciar os grupos/classes sociais.

Além de servir para estabelecer diferenças entre grupos, o processo de “civilidade” dava aos indivíduos certo refinamento de atitudes diante da própria sociedade que, por sua vez, impunha esse tipo de comportamento para que fosse aceito e reconhecido como parte daquele grupo. Várias mudanças de hábitos em nome da civilização e transformações psíquicas pelas quais passam os indivíduos na sociedade ocidental foram empreendidas através dos sentimentos de vergonha, delicadeza, medo ou desagrado.

Outro ponto de vista é o do filósofo Durkheim (1922[1978]). Ele acredita que o ser social não nasce com o homem – ser que não respeitaria a disciplina moral, não se devotaria, não se sacrificaria de forma espontânea. Em outras palavras, para que o homem possa civilizar-se, é necessária a coação a fim de modificar seus instintos. O que faz diferenciar o homem dos outros seres é a capacidade de se tornar, através da educação – leia-se, civilização –, uma natureza capaz de vida moral e social. Apesar de parecer que o homem está à mercê da trama da sociedade, a fim de se amoldar a ela, ele mesmo é interessado nessa submissão, porque “o seu novo eu, a ação coletiva por intermédio da educação assim edifica (...), representa o que há de melhor no homem” (Durkheim 1922[1978], p. 43), o que há em cada indivíduo de propriamente humano.

É a escola, portanto, vista como um dos mais importantes instrumentos responsáveis pelo “polimento” do indivíduo. Os desvios dos padrões fixados pela civilização são punidos não tanto no seio da família, mas fora dela, como é o caso da escola. O processo de dominação e a criação de precondições mentais necessárias para que se mantenha essa dominação são, em grande parte, efetivadas nessa instituição. Constituir o ser social é, dessa forma, o fim da educação – finalidade essa forjada e instaurada a partir da imposição/coação que a própria sociedade produz. As aptidões que a vida social do homem supõe – complexas, inclusive – são transmitidas por meio da ação educativa, diferentemente da hereditariedade que só transmite os mecanismos instintivos que asseguram a vida orgânica.

Ora, Brício Cardoso era um intelectual ligado à educação. Era, para ele, também a escola importante instrumento de civilidade. Civilizar consistia não somente em criar uma consciência nacional, uma autoconsciência de estratos intelectuais ou de diferenciações entre comportamentos padrão. Era também um dos códigos e leis do convívio social, era transformar o indivíduo em pessoa, tornando-o menos coisa e mais gente. Era também sinônimo de aperfeiçoamento moral, de suavização de costumes e ilustração do entendimento (Cardoso, B., in *Jornal do Aracaju*, 11 de abril de 1872).

No terceiro capítulo, portanto, foi Brício Cardoso o alvo das atenções. Sua formação profissional e sua noção de civilidade foram retratadas para traçar um perfil do intelectual. Ao tratar da vida de Brício, porém, não pretendi escrever uma biografia – isso seria muito arriscado, pois, para tal empreendimento, seria necessário encontrar mais documentos que falassem de sua trajetória de vida. A pesquisa baseou-se apenas nos poucos depoimentos que João Ribeiro, Rocha Lima, e seu filho Hunald Santaflor Cardoso imprimiram, além do verbete contido no dicionário biobibliográfico de Armino Guaraná. Mesmo assim, vale ressaltar que alguns cuidados foram tomados. Parti do pressuposto de que não deveria fazer de meu personagem “uma revelação da essência

da humanidade” (Borges 2001). Assim, em alguns momentos de muitos elogios dados por seus depoentes, fiz questionamentos e, às vezes até, demonstrei que determinadas atitudes eram comuns aos intelectuais daquela época.

Outro cuidado foi com os fatos que seriam selecionados para a narração. Eu priorizei, então, uma das atividades de Brício para dar maior ênfase: a de educador e, depois, a de jornalista. Isso não significa dizer que foi menos importante, por exemplo, seu percurso como estudante ou sua atuação na política sergipana. O fato é que o estudante e o político não deixaram tantas marcas quanto o jornalista e o educador. A diacronia progressiva, sempre que possível, também foi respeitada, porque acredito que a ordenação dos fatos ajuda não só a mim, que narro/descrevo, como também ao leitor.<sup>2</sup>

Além desses cuidados, um outro – talvez, o mais importante deles – foi tomado: o de pensar o cidadão Brício Cardoso na sociedade em que viveu e verificar a rede de sociabilidade, responsável pela construção do intelectual que, ao mesmo tempo, numa relação dialética, fora também essa rede construída por ele. As “redes” são definidas como estruturas constituídas no meio intelectual que “variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados”. Também podem ser entendidas a partir da maneira como se interpenetram o afetivo e o ideológico. As redes “secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (Sirinelli 1988, p. 252).

Mas, como caracterizar Brício dentre do contexto em que viveu? “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades

---

2. Sobre os problemas teórico-metodológicos que envolvem a construção da biografia (a questão da verdade, como se dá a relação entre historiador e seu objeto, que fatos selecionar para a narração, como estabelecer os laços indivíduo/contexto e como pensar e narrar o tempo de uma vida), ver Borges (2001).

mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (Sirinelli 1988, p. 248). Participando da corrente espiritualista, Brício deixa-se mostrar um intelectual comprometido com sua causa, não obstante todas as correntes positivistas, evolucionistas e científicas da época em que viveu. Dessa forma, foi necessário não só ver Brício a partir da construção de sua vida pessoal/profissional como também fazer uma análise dos discursos que pronunciou, dos artigos que publicou e, mais precisamente, da obra que escreveu a fim de se ter uma ideia de como se movia esse intelectual diante da realidade cultural do final do século XIX.

Um dos instrumentos mais apreciados, portanto, para perceber o processo de construção da rede em que Brício construía e era construído foram os jornais.<sup>3</sup> Aqui, o jornal é visto “como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo os jornais foram vistos como importante estratégia educativa” (Faria Filho 2002, p. 134).<sup>4</sup> Era nos jornais também que Brício expunha suas aulas, ou seja, ele utilizava esse meio de comunicação como elemento fundamental para o processo civilizatório. Além disso, “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (Micelli 2001, p. 17).

Tendo os jornais como instrumento de divulgação a sua revelia e tendo a gramática – arte-ciência da língua portuguesa, reconhecida por ser uma das disciplinas mais importantes na

---

3. “... se os jornais divulgam determinados conceitos, visões de mundo, etc., é porque normalmente ou comungam com essas ideias ou necessitam do apoio daqueles que a professam”. (Gonçalves Neto, 2002, p. 205). Dessa forma, o jornal “torna-se um elemento fundamental para se captar as principais representações de uma época, uma vez que centraliza boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual, que trabalha na moldagem da cultura” (*idem*, p. 206).

4. Ainda sobre esse assunto, ver Pallares-Burke (1998).

construção do homem culto –, como objeto de trabalho, Brício Cardoso traçou um percurso pelo qual chegaria ao Atheneu como catedrático, ou seja, como um dos intelectuais mais respaldados pela sociedade da época. Ele construiu as *Apostilas de gramática: (aos meus discípulos)* e as publicou, metodicamente, nos jornais, discutindo desde as teorias da origem da linguagem até fatos eminentemente ligados à teoria gramatical, como os diferentes empregos do pronome “se”.

No capítulo 4, portanto, fez-se necessário conhecer sua única obra do gênero: o *Tratado de Língua Vernácula*, com o intuito de entrever os pressupostos teóricos de um intelectual que vivera na segunda metade do século XIX, defendendo ardorosamente sua crença na espiritualidade, sua crença em Deus todo poderoso, o Criador do Céu e da Terra. Dessa forma, a titulação dos capítulos foi feita, levando-se em consideração a preocupação de Brício Cardoso em explicar a origem da linguagem, relacionando-a ao Gênese. Assim, resolvi, então, tecer uma analogia entre a história da implantação do ensino secundário até a chegada desse intelectual no curso de Humanidades, suas práticas e sua maior criação, o *Tratado de Língua Vernácula*, com a versão da história da criação do mundo oferecida pela Bíblia.

Espero que este trabalho ofereça ao leitor a oportunidade de entrever os embates entre criador/criatura e a construção de um ideal: o da civilidade.